

## **1. Teresa Ambrósio, ACADÉMICA**



## Nota introdutória

**António Nóvoa**

Teresa Ambrósio (1937-2006)

Aspirações pessoais e vida universitária

«Um olhar sobre o trabalho profissional e de intervenção social que produzi ao longo de vinte anos leva-me a concluir que tudo o que realizei corresponde mais a uma construção de mim mesma, seguindo as tendências mestras da minha própria personalidade, do que aos objectivos profissionais, sociais ou culturais que me propus atingir em cada etapa da minha vida» (1987, p. 3).

Quando se procura compreender um percurso académico, o melhor é mesmo começar pelo doutoramento. Foi em Tours que Teresa Ambrósio defendeu, em 1987, a sua tese *Aspirations sociales, projets politiques et efficience socio-culturelle*, apresentada como uma contribuição para uma «psicossociologia do facto político» a partir da análise do caso português.

Teresa Ambrósio tinha cinquenta anos e a tese divide duas fases da sua trajectória académica e pessoal. As páginas iniciais, «um percurso de vida», são de uma grande clareza quanto aos propósitos que a animam: «Constatar a interferência da minha dimensão individual no produto social que eu realizo, ou a interferência do comportamento social dos grupos de que faço parte no caminho da minha construção pessoal, conduziu-me a pensar que seria interessante aprofundar, com base numa investigação psicossociológica, a interferência da subjectividade dos actores sociais na sua actividade social» (1987, p. 3).

Para trás, ficava um «conhecimento técnico da intervenção social, fruto de longos anos no planeamento da educação», mas também a participação activa e intensa na «elaboração, decisão e desenvolvimento da política educativa do meu país durante quinze anos» (1987, p. 4). A tese é

um ponto de chegada e, num certo sentido, um ajuste de contas de Teresa Ambrósio com a sua actividade técnica e política. «Ajuste de contas» na exacta medida em que a pesquisa, mais do que sobre um objecto exterior, impessoal, incide sobre a experiência, as aspirações e os projectos da autora e dos seus grupos de referência.

No segundo volume da tese, ao dar voz a nove responsáveis pelas políticas educativas, no período entre 1968 e 1982, Teresa Ambrósio mobiliza as suas próprias dúvidas e interrogações sobre a distância que separa as intenções e os factos. É este «afastamento» que a angustia socialmente e que a interpela intelectualmente. Ao transformá-lo no objecto da sua tese está a fazer um balanço da sua própria história e, ao mesmo tempo, a lançar os fundamentos da sua vida académica futura.

Esta breve evocação surge, naturalmente, dividida em duas partes: antes e depois da defesa pública da tese de doutoramento. Como epílogo, fica um apontamento tecido à volta de três conceitos que acompanharam Teresa Ambrósio ao longo da sua vida: Educação, Desenvolvimento, Complexidade.

#### De 1965 a 1987 – Planeamento, Intervenção, Desenvolvimento

Em 1965, com vinte e oito anos de idade, Teresa Ambrósio começa a participar em estudos de «planeamento educativo», merecendo destaque a sua acção no Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação e nos trabalhos da reforma do sistema educativo promovida por Veiga Simão. A presença no grupo que lança a Universidade Nova de Lisboa (1973-1975) e o papel central que desempenha no Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (1978-1987) definem uma matriz de intervenção que se encontra também na forma como encara a sua actividade política, em particular como deputada (1976-1983).

Destes vinte anos, que decorrem entre meados dos anos 60 e meados dos anos 80, fica um conjunto de experiências e de estudos, no plano nacio-

nal e internacional<sup>1</sup>, que dão corpo a *aspirações* – conceito a que recorre com frequência – de combate às desigualdades e de promoção do desenvolvimento. No livro *Sistema de Ensino em Portugal* defende que «a democratização da educação constitui o cerne de qualquer política educativa e não pode ser considerada isoladamente do papel que o sistema educativo deve desempenhar face à problemática da igualdade social» (1981, p. 576).

Neste mesmo ano de 1981, introduz com palavras fortes a obra *Política Educacional num Contexto de Crise e Transformação Social*, fruto de um seminário organizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento<sup>2</sup>:

«E neste campo temos que ser insatisfeitos nas nossas aspirações, abertos à compreensão ampla do mundo que nos rodeia, ousados nas medidas evitando os caminhos mesquinhos da prudência quando esta é a outra face do medo. Teremos que confiar que o futuro nos pertence à escala nacional e universal e correr o risco de nos sintonizar com os apelos, utópicos talvez (mas sem as utopias como ultrapassaríamos a realidade pragmática e burocrática do dia-a-dia?) de construção de novas ordens sociais, de novas formas de viver e conviver» (1981, p. 8).

A primeira metade da década de 80 é um período de grande intensidade na vida de Teresa Ambrósio. No plano internacional, merece destaque o seu trabalho na direcção, juntamente com R. Avakov, de um estudo realizado no âmbito do Instituto Internacional de Planificação da Educação, da UNESCO, sobre estruturas industriais, mudanças tecnológicas e ensino superior em Portugal<sup>3</sup>. No plano nacional, uma parte importante das suas energias é dedicada ao Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, datando

---

<sup>1</sup> Registe-se, a título de exemplo, a direcção dos *Trabalhos Preparatórios do IV Plano de Fomento*, publicados em 1972.

<sup>2</sup> Neste seminário participam, com textos que é muito interessante reler, diversos especialistas que viriam a ocupar cargos governamentais na área da Educação, tais como: Ana Benavente, António de Almeida Costa, Pedro Lourtie, José Mariano Gago, Fraústio da Silva e Marçal Grilo.

<sup>3</sup> Este estudo tem uma primeira publicação, como «document de travail de l'IIPE», em 1982. A publicação em livro, a cargo da UNESCO, terá lugar no ano seguinte.

desta altura um conjunto de trabalhos, que se revelariam muito influentes, sobre a situação, problemas e perspectivas da juventude em Portugal<sup>4</sup>. Na abertura da Conferência de 1983, iniciaria a sua intervenção chamando a atenção para a importância da difusão social e da visibilidade pública dos estudos técnicos e científicos: «Uma das condições para que uma obra de arte exista, para que um saber ganhe sentido, para que uma ideia tenha consistência é que essa obra, esse saber, essa ideia sejam bem conhecidos de um público que os usufrua, partilhando, com inteligência e emoção, o esforço, o prazer e as angústias dos seus autores» (1984, p. 11).

O artigo que publica, em 1985, na revista *Análise Social*, deixa antever a problemática da sua tese de doutoramento. Situando-se no «cruzamento de uma visão sociopolítica, por um lado, e socioeducativa, por outro», interroga as aspirações sociais e políticas no sector da educação. A sua preocupação é dupla: compreender as dissonâncias entre as aspirações e as decisões políticas e, depois, entre as decisões e a capacidade de as concretizar. Dito de outro modo: «verificar, ao nível da relação entre as superestruturas de decisão (ou formulação de políticas) e os quadros sociais onde se projectam as aspirações individuais e sociais, como intervêm (ou se bloqueiam) dinâmismos de mudança social» (1985, p. 1023). Como pano de fundo desta reflexão, permanece a constatação de que os sectores que tocam de perto os indivíduos – tais como a educação e a saúde – favorecem um maior «grau de participação e de intervenção dos cidadãos na mudança».

É este património de questões e de intervenções que vai trabalhar na tese de doutoramento. Para Teresa Ambrósio, a inquietação do pensamento é indissociável de uma vontade de agir e de transformar. A sua vida é feita desta continuidade, que é também uma procura de sentido, um modo de transportar para a vida universitária as suas aspirações pessoais.

---

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, *Inserção Social dos Jovens* (1985) e *Os Jovens e Nós* (1986).

De 1987 a 2006 – Universidade, Formação, Ciência

Ainda que a universidade tenha entrado na vida de Teresa Ambrósio bem antes de concluir a sua tese de doutoramento, em 1987, esta data marca uma viragem no seu percurso. Doravante – e apesar da importância de que se reveste o cargo de Presidente do Conselho Nacional de Educação (1996-2002) – é a matriz universitária que prevalece.

Registe-se, em primeiro lugar, o seu trabalho na criação de um Núcleo de Ciências da Educação na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Apesar das dificuldades que teve de superar, este Núcleo impôs-se na estrutura universitária, em particular com a abertura do Mestrado em Educação e Desenvolvimento a partir de 1989-90. A concepção inovadora deste curso, organizado através da participação de professores de diversas instituições nacionais e estrangeiras, permite a elaboração de teses que abrem a investigação educacional para as áreas da economia, da sociologia e da ciência política. Dando consistência a este esforço de pós-graduação, Teresa Ambrósio lança, em 1993-94, a Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento, que, no decurso dos anos, se tornará uma referência importante na investigação em educação.

Assinale-se, em segundo lugar, a forma como, na articulação entre os estudos pós-graduados e a investigação científica, Teresa Ambrósio apoia e enquadra um conjunto muito significativo de teses de mestrado e de doutoramento. Os trabalhos que, sob a sua orientação académica, realizam investigadores como Ana Luísa Pires, Ana Maria Boavida, André Corsino Tolentino, António Jorge Andrade, António Teodoro, Berta Macedo, Fernando Costa, Maria da Conceição Castro Ramos, Maria do Loreto Paiva Couceiro, Maria José Gonçalves, Maria Margarida Marques, Maria Teresa Oliveira, Mariana Gaio Alves e Mariana Valente, entre muitos outros, constituem um acervo científico que merece ser devidamente valorizado.

Mencione-se, em terceiro lugar, o modo como Teresa Ambrósio contribui para a fundação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, assumindo a coordenação da Secção de Educação e Desenvolvimento, bem

como para a dinamização de redes científicas nacionais e internacionais. Desde sempre ligada aos círculos francófonos, alimenta uma colaboração permanente com colegas europeus, graças a cooperações bilaterais ou no quadro da União Europeia<sup>5</sup>. Nos últimos anos da sua vida, a participação na rede europeia de *Modélisation de la Complexité* permite-lhe aprofundar as suas ideias, reelaborando-as num debate epistemológico mais amplo<sup>6</sup>.

No espaço académico, Teresa Ambrósio não se exprime como uma SSS – «spécialiste spécialement spécialisée» –, para retomar a expressão que Raymond Buyse consagrou. Bem pelo contrário, o que a distingue é o gesto largo, um esforço amplo de compreensão, de ligação entre domínios e abordagens por vezes distantes, a busca de sentido para a complexidade das coisas humanas. A inquietação intelectual leva-a a percorrer caminhos inexplorados, mobilizando grupos e pessoas num diálogo de cultura, de formação e de conhecimento que caracteriza o que há de melhor no mundo universitário.

#### Educação, Desenvolvimento, Complexidade

Ainda que adquirindo distintas iluminações, há uma palavra sempre presente em Teresa Ambrósio: *desenvolvimento*. É o título da revista que publica no Instituto de Estudos para o Desenvolvimento a partir de 1984 (*Desenvolvimento*). Está no nome do mestrado que cria na Universidade Nova de Lisboa (*Educação e Desenvolvimento*). Surge na designação do centro de investigação que dirige (*Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento*). Faz parte do título da sua última colectânea de textos (*Educação e Desenvolvimento*). Etc.

---

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, a sua contribuição, editada em várias línguas, para o volume 2 de *Teachers and trainers in vocational training* (1995).

<sup>6</sup> Ver a nota que os colegas do Réseau Intelligence de la Complexité lhe dedicam, em 2006, retranscrevendo um editorial que ela própria tinha redigido, juntamente com J. P. Martins Barata, para o fórum do debate (*Inter Lettre Chemin Faisant MCX-APC*, n.º 34, 2006).



*Desenvolvimento* é a palavra que Teresa Ambrósio escolhe para marcar o seu compromisso com um país melhor, com uma sociedade mais justa, mais humana. *Educação* é o meio, um dos meios privilegiados, talvez mesmo o mais importante, para prosseguir este objectivo: «A política educativa é essencialmente, julgo, a tradução concreta e possível do sentir social, de que não haverá vida de qualidade, nem desenvolvimento humano, sem educação e sem aprendizagem» (2000, p. 21).

Mas Teresa Ambrósio sabe que nada será feito sem uma renovação profunda das políticas e do pensamento na área da Educação. Sem esquecer a importância dos estudos técnicos, preocupa-se agora com a decisão política, procurando compreender as «relações que se podem detectar ou estabelecer entre os conhecimentos científicos, as teorias interpretativas dos factos, das situações e dos processos educativos e os processos de tomada de decisão e definição de políticas educativas» (1992, p. 9). Esta reflexão leva-a a defender, num debate promovido pelo Presidente da República em 1998, que «o pensamento político educativo vigente, que criou e reformou o sistema educativo em décadas anteriores» tem de ser reequacionado e reinventado (1999, p. 68).

Ao mesmo tempo, dirige a sua atenção para o «estado das ciências» e, em particular, das ciências da educação, ensaiando, em vários textos e relatórios<sup>7</sup>, reflexões que revelam grande perspicácia e intuição. São elas que induzem, com naturalidade, uma progressiva orientação do seu trabalho no sentido das questões da *complexidade*:

«O florescimento de lógicas de valores múltiplos incorporando operacionalmente a incerteza, os avanços em áreas como a genética, a biologia molecular, a física subatómica, a astrofísica, as ciências do comportamento, as matemáticas e mesmo as próprias artes, apontam para a crescente irrupção no mundo do pensamento da percepção da complexidade. A Natureza é complexa, a natureza humana

---

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, «Ciências da Educação em Portugal» (1992) e *Perfil da Investigação Científica em Portugal: Ciências da Educação – Psicologia* (1998).

é complexa; as atitudes herdadas do cartesianismo, separando as abordagens disciplinares, estão em perda, por todo o lado. Tem sido sugerido mesmo que as ciências do século XXI serão as ciências da complexidade» (2004, p. 9).

Numa colectânea de textos intitulada *Educação e Desenvolvimento: Contributo para uma mudança reflexiva da Educação*, percebe-se a riqueza das ideias trabalhadas por Teresa Ambrósio na última década da sua vida. O livro abre com uma declaração de fidelidade à sua temática de sempre: «a relação entre Educação e Desenvolvimento, em torno da qual a autora tem construído um percurso académico, profissional e cívico, surge no pensamento actual cada vez mais estimulante» (2001, p. 7). E, logo de seguida, surge o convite para «a mudança necessária no pensamento, na política, nos modelos de governação, nas práticas educativas» que não pode ser alcançada senão pela *reflexibilidade*.

O que melhor define o percurso de Teresa Ambrósio é este esforço de renovação, de transformação, de procura de novas maneiras de pensar e de intervir. Sempre a vi como uma mulher insatisfeita, do ponto de vista intelectual, como uma universitária em busca de novas abordagens e perspectivas. E, no entanto, raramente convivi com uma pessoa tão serena, com um trato tão doce e envolvente.

As redes que construiu e alimentou constituem momentos altos do seu percurso académico. Teresa Ambrósio sabia tirar o melhor de cada um de nós: colegas e professores, estudantes e investigadores. Não espanta, por isso, que ao introduzir *O Século da Escola* diga que os novos modelos de regulação social são baseados em parcerias, defendendo «a necessidade de uma educação centrada na pessoa e na dimensão humana da Educação» (2001, p. 8). Olhar para a sua vida é compreender a coerência de aspirações pessoais que dão corpo a projectos políticos de intervenção social e a modos inovadores de pensar e de agir no espaço universitário.

A Teresa Ambrósio faz-nos falta.

Referências bibliográficas citadas

- Ambrósio, Teresa (coord.) (1972). *Trabalhos Preparatórios do IV Plano de Fomento*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional/Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa.
- Ambrósio, Teresa (1981). «Democratização do ensino». In Manuela Silva e M. Isabel Tamen (coord.). *Sistema de Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 575-601.
- Ambrósio, Teresa (coord.) (1981). *Política Educacional num Contexto de Crise e Transformação Social*. Lisboa: Moraes Editores/IED.
- Ambrósio, T. e Avakov, R. (dir.) (1983). *Structures industrielles, changements technologiques et enseignement supérieur au Portugal*. Paris: Unesco – Institut International de Planification de l'Éducation.
- Ambrósio, Teresa (1984). «Palavras de abertura». In *Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal – Conferência 1983: Comunicações e conclusões*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, pp. 11-17.
- Ambrósio, Teresa (1985). «Aspirações sociais e políticas de educação». *Análise Social*, vol. 21, n.ºs 87-88-89, pp. 1023-1039.
- Ambrósio, Teresa et al. (1985). *Inserção Social dos Jovens – Abordagem de uma realidade complexa*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Ambrósio, Teresa (1986). *Os Jovens e Nós – Resultados e avaliação crítica de um projecto*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- Ambrósio, Teresa (1987). *Aspirations sociales, projets politiques et efficience socio-culturelle: le cas de la politique d'éducation au Portugal: contribution à une psycho-sociologie du fait politique*. Tours: Tese de doutoramento apresentada na Universidade de Tours, 2 vols.
- Ambrósio, Teresa et al. (1992). *Decisões nas Políticas e Práticas Educativas*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

- Ambrósio, Teresa (1992). «Ciências da Educação em Portugal: Um lugar entre as Ciências do Homem e da Sociedade». In *O Estado das Ciências em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Ambrósio, Teresa *et al.* (1995). *Teachers and trainers in vocational training – Volume 2: Italy, Ireland and Portugal*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Ambrósio, Teresa (coord.) (1998). *Perfil da Investigação Científica em Portugal: Ciências da educação – Psicologia*. Lisboa: Ministério da Ciência e Tecnologia/Observatório das Ciências e das Tecnologias.
- Ambrósio, Teresa (1999). «Reinventar a cultura educativa». In *A Educação e o Futuro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 65-70.
- Ambrósio, Teresa (2000). «Aprender ao longo da vida». *Colóquio – Educação e Sociedade*, n.º 6, Nova Série, pp. 19-22.
- Ambrósio, Teresa (2001). *Educação e Desenvolvimento: Contributo para uma mudança reflexiva da Educação*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Unidade de Investigação, Educação e Desenvolvimento.
- Ambrósio, Teresa *et al.* (2001). *O Século da Escola: Entre a utopia e a burocracia*. Porto: Edições Asa.
- Ambrósio, Teresa (coord.) (2004). *Formação e Desenvolvimento Humano: Inteligibilidade das suas relações complexas*. Lisboa: MCX/APC – Atelier n.º 34.

## Na universidade

**Cândido Marciano Silva**

Sempre conheci a Teresa na universidade, embora em momentos e circunstâncias diferentes. Em todos eles sempre pareceu ter um desígnio, uma missão, um desafio. Nunca ficou indiferente, nem sem um papel a desempenhar.

No final dos anos 50, num ponto alto das lutas académicas, a Teresa Bastos chega à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, vinda do Instituto Superior Técnico, para aí terminar a Licenciatura em Ciências Físico-Químicas. A frescura das ideias que traz ao debate, quer no que respeita ao movimento estudantil, quer, em particular, ao papel social da juventude, apanha de surpresa e influencia muitos de nós, cujos horizontes se confinavam à organização da contestação estudantil contra as medidas do governo no controlo das Associações de Estudantes.

Já aí, marcada pelas activas intervenções de Maria de Lurdes Pintasilgo, prenuncia muito da sua intervenção futura, na universidade e fora dela.

Depois de um percurso normalmente irregular de jovem licenciada que procura o seu «caminho», e no qual começa a reunir competências na problemática do desenvolvimento, nas suas repercussões educacionais e no planeamento do ensino, é convidada para o GEPAE (Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, que depois dirigiu) pelo Prof. Fraústo da Silva, para aí participar nos estudos de planeamento do Sistema Educativo. Mais tarde, ainda sob a coordenação do Prof. Fraústo, fez parte do pioneiro Gabinete de Planeamento da Universidade Nova de Lisboa (UNL), encarregado de elaborar o Plano de Criação e Desenvolvimento dessa universidade, integrado na reforma das universidades portuguesas.

Em 1974, vamos reencontrar a Teresa, já Ambrósio (apelido que se tornou sua imagem e ao qual nunca viria a renunciar), efervescente da vivacidade e do entusiasmo resultantes da sua participação activa nesse enorme desafio – a Universidade Nova, que, por necessidade de âncora material,

fora instalada, no ano anterior, em dois andares alugados da Avenida da República, em Lisboa.

Mas agora o debate era outro. Fortemente marcado pelo 25 de Abril, que entretanto ocorrera, e pelo processo revolucionário que se lhe seguiu, o que estava em causa era, por um lado, a sobrevivência da Universidade Nova como parte integrante da reforma das universidades, mas sobretudo como projecto inovador no contexto nacional em que muitos jovens acreditaram e que abraçaram. Pela primeira vez se procurava uma plataforma de encontro das humanidades, das artes, das ciências e das tecnologias. Mas o projecto começou pelos primeiros cursos de pós-graduação das universidades portuguesas (nos quais a nova universidade poderia recrutar os seus futuros docentes), e por isso a UNL foi apelidada de «elitista», mesmo que não tivesse ainda espaços próprios para os cursos de graduação.

E no gabinete da Teresa, onde se fechava quando tinha que escrever os muitos relatórios de reflexão, a música que punha a mais de 80 decibéis não seria apenas para simbolicamente cortar a ligação com o ruído exterior do debate em curso, mas sim para levantar voo e dar forma às reflexões e ideias inovadoras que deveriam estruturar a organização prática da universidade nos seus departamentos, áreas de intervenção e sectores de actividade, e também a dos seus cursos de pós-graduação e licenciaturas, que se projectavam na interdisciplinaridade e cooperação de várias culturas.

Sem nenhuma desilusão, mas consciente de que novamente o palco do debate tinha mudado, sai da universidade e abraça a vida política em 1976.

O inovador modelo da Universidade Nova, entretanto fortemente questionado pelo corporativismo universitário, sofre o seu primeiro grande revés com a divisão napoleónica da Universidade em Faculdades e Institutos. O segundo seria o abandono do projecto inicial de situar a Universidade bem a sul do Tejo. A proximidade da solução de compromisso junto à margem sul, guiada por indicadores demográficos e por razões de disponibilidade da área necessária, leva a maior parte das Faculdades a preferir, e a

insistir, em ficar na margem norte, dispersas na estrutura urbana de Lisboa. Perdeu-se assim a maior valia, o que se esperava: o ingrediente principal da universidade «*Novae*», que assentava na coexistência das várias culturas, e a oportunidade de uma experiência inovadora no ensino universitário que, efemeramente, tinha funcionado na Avenida da República.

Em 1983, a Teresa Ambrósio regressa ao Gabinete de Planeamento da Universidade Nova, entretanto repartido em vários serviços da Reitoria. A Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) sempre tinha insistido em implantar-se na localização prevista para a Universidade, na margem sul, talvez com a esperança secreta de que o espaço disponível e reservado, e a construção do que seria o futuro Hospital de Almada, hoje Garcia de Orta, atraíssem a Faculdade de Ciências Médicas e, por simpatia, outras Faculdades ainda mal instaladas em Lisboa. Talvez por essa mesma razão, a FCT teve necessidade de manter um sector de Ciências Sociais (ditas Aplicadas, para evitar «competir» com as Humanas da Avenida de Berna) que velasse pela formação humanista dos seus licenciados em Ciências e Engenharias.

É neste ambiente, ainda institucionalmente não estabilizado, que a Teresa Ambrósio é requisitada para coordenar o Núcleo de Educação entretanto criado na FCT para providenciar cursos de Profissionalização de professores do Ensino Secundário em exercício. Esta experiência, embora relutantemente aceite nalguns sectores da Faculdade, juntamente com a participação nas disciplinas de Sociologia e Psicologia da Educação do Ramo Educacional da Licenciatura em Matemática, viria mais tarde a dar-lhe a oportunidade de criar na FCT um grupo de disciplinas de Educação que abriu as portas à realização de doutoramentos nesta área. É a partir desta actividade lectiva e, em particular, a partir da obtenção, em 1987, do grau de *Docteur d'Etat ès-Lettres Sciences Humaines (Sciences de l'Education)* na Universidade de Tours (e da sua equiparação, em 1988, pela Universidade de Lisboa, na especialidade Avaliação Social da Educação), que desenvolve uma preencheda actividade de professora universitária, organizando conferências, cursos e seminários, orientando mestrados e doutoramentos, gerindo e avaliando unidades e projectos de investigação na sua área, participando na vida institucional da FCT, não só nos órgãos

adequados, como também na vida departamental, fundamentalmente transformando o Núcleo de Educação, que tinha recebido, num verdadeiro Departamento do ponto de vista funcional, que só o não foi de facto porque a política de contratação de docentes pela FCT sempre lhe foi adversa.

Sem projecto estratégico inicial, as escolas de índole tecnológica sempre tiveram grandes dificuldades em integrar um espírito de coexistência de culturas. Não sendo insensíveis à necessidade de introdução curricular de disciplinas das Humanidades e das Ciências Sociais, sempre encararam, no entanto, estes sectores como mais um competidor aos magros recursos (pessoal e orçamento). A marginalidade com que sempre foram tratadas nunca permitiu, em nenhuma das escolas, uma implantação sustentada.

E no entanto, contra ventos e marés, a Teresa Ambrósio conseguiu imprimir uma dinâmica de trabalho cuja face externa foi de grande pujança. Guardou sempre para si todas as lutas corrosivas, quer para obter uma ou outra contratação de docentes, quer para obter espaços e lugares de quadro, etc.

Foi na actividade de investigação, naturalmente não tutelada pela escola, onde pôde desenvolver toda a sua criatividade, não só nos projectos nacionais e internacionais, como nos programas de mestrado e doutoramento. Das várias edições dos Mestrados resultaram já 80 teses. Porém, dos 10 doutoramentos que orientou com sucesso (15 no âmbito da sua equipa), só logrou contratar um novo docente, o que se revelou manifestamente insuficiente para sustentar a «escola» que tinha criado. Esse enorme corpo de conhecimento que resulta da exploração sistemática da problemática educacional, que se substancia nas teses de mestrado e doutoramento, juntamente com textos seus e dos seus colaboradores, reuniu-o nos *Anais – Educação e Desenvolvimento*, que assim constituem o principal repositório da sua reflexão teórica e da investigação a si associada.

Do ponto de vista da imagem externa, no período em que presidiu ao «sector» de Ciências da Educação integrado na Secção Autónoma de Ciências Sociais Aplicadas, na FCT/UNL, primeiro como Professora Convidada



e posteriormente como Professora Associada e, sobretudo, no período em que presidiu aos destinos do Centro de Investigação (e posteriormente da UIED – Unidade de Investigação em Educação e Desenvolvimento), a actividade que desenvolveu foi sempre dotada de grande vigor e empenhamento, e significativo impacto teórico no seu meio.

Este enorme esforço (de cujas agruras nos privava, como que para nos proteger, dando uma imagem de que tudo fluía sobre rodas), e os significativos resultados obtidos, foram certamente determinantes para a sua aprovação em concurso para Professora Associada da FCT/UNL, em 1996. A abertura de um concurso na área da Educação, dentro do sector das Ciências Sociais Aplicadas, agora Departamento, a que a Teresa Ambrósio pudesse concorrer, não foi tarefa fácil.

É, no entanto, nesta altura que a sua actividade como especialista em Educação e o seu prestígio como Professora Universitária atingem um alto reconhecimento externo, com a sua eleição para Presidente do Conselho Nacional de Educação, em 1996, e a sua nomeação como consultora para questões de Educação e Investigação no Gabinete da Comissária da União Europeia, Edith Cresson (DGXXII e DGXII).

Perdida nas questiúnculas do dia-a-dia, na interface do seu nicho de trabalho com a hostilidade do ambiente envolvente, ficou a oportunidade de fazer as provas de Agregação (embora a Universidade de Tours lhe tenha atribuído o título de «Agrégée»). Não as fez formais, mas as suas intervenções no desenho das estruturas curriculares das disciplinas da Educação, e a fundamentação teórica que a sua investigação lhes trazia, foram certamente uma forma original de o fazer.

Já aposentada, preferiu organizar de forma sistemática a sua linha de pensamento na investigação, compilar o enorme corpo de conhecimento acumulado e fazer um balanço da sua actividade, no que seria certamente a sua «lição» de agregação. Já não teve tempo de a acabar, embora continuasse efervescente na frescura das ideias. Com a Teresa Ambrósio extingue-se mais um ramo viçoso do projecto inicial da Universidade «*Novae*».



## Projectos e contactos internacionais

**Mariana Gaio Alves**

*«Provavelmente, o campo demarcado  
Não basta ao coração nem o exalta;  
Provavelmente, o traço da fronteira  
Contra nós, amputados, o riscámos.»*

José Saramago

Creio que podemos olhar o percurso académico de Teresa Ambrósio como uma tentativa constante de ultrapassar «o campo demarcado» e «o traço da fronteira» numa busca permanente de compreensão e de construção de um conhecimento mais holístico e abrangente. Cruzar fronteiras disciplinares, ir para além das metodologias científicas tradicionais e ortodoxas, explorar novas possibilidades de conhecimento, alargando a liberdade de pensar de outro modo e de conhecer para lá dos campos já demarcados. Em todo esse movimento, os contactos e projectos internacionais constituíram, provavelmente, um elemento decisivo para desencadear e sustentar a procura de ir além de fronteiras e campos demarcados, evitando os riscos das «amputações» limitadoras das nossas próprias possibilidades.

### O início da carreira académica

Um olhar sobre o percurso de formação académica de Teresa Ambrósio revela-nos que o mesmo se desenvolveu cruzando fronteiras geográficas e disciplinares. Iniciou-se com uma Licenciatura em Ciências Físico-Químicas na Universidade de Lisboa, que terminou em 1959, e prosseguiu com cursos pós-graduados na área da Educação, realizados na Universidade de Lisboa (1960), no Instituto de Estudos Sociais, em Haia (1968), e na Universidade de Grenoble (1976).

Uma parte dos textos publicados durante este período testemunha o seu contacto com organizações internacionais, como a UNESCO e a OCDE, numa fase do seu percurso em que se ocupou de diversos trabalhos,

quer no domínio do planeamento educativo, quer na análise do desenvolvimento das estruturas educativas em diversos países. Esta reflexão era particularmente premente no contexto histórico em que tinha lugar, finais dos anos 60 e década de 70, dado que a nível europeu um conjunto de profundas crises sociais e económicas obrigavam a repensar os modelos de desenvolvimento dos países. É também nesta época que é cada vez mais atribuído um papel central à Educação, enquanto elemento-chave na implementação de estratégias de desenvolvimento das regiões e dos países. Destacam-se duas referências bibliográficas desta fase:

(1968) *Equilibre entre l'Offre et la Demande de Main-d'oeuvre – Les incidences sur la Planification de l'Éducation*, Relatório de um estágio efectuado no IPE, UNESCO. Difusão restrita

(1973) *L'Analyse des Systèmes dans la Planification de l'Éducation (capítulo sobre a experiência em Portugal)*, no âmbito dos Serviços de Planeamento do Ministério da Educação, publicação da OCDE

Simultaneamente, Teresa Ambrósio está integrada nas equipas que discutem, preparam e planeiam uma mudança global do sector educativo em Portugal que ficou conhecida como «Reforma Veiga Simão», a qual deixou marcas que perduraram mesmo após a mudança política de 25 de Abril de 1974. Desse trabalho resultou um conjunto de relatórios técnicos de que é co-autora:

(em co-autoria) (1965 a 1970) *Relatórios de preparação e execução dos II e III Planos de Fomento*, Capítulos da Educação e Investigação Científica. Publicados nos documentos oficiais. Secretariado Técnico da Presidência do Conselho de Ministros

(em co-autoria) (1970 a 1973) *Relatórios de preparação do IV Plano de Fomento* (Reforma Veiga Simão), cuja execução coordenou enquanto Directora de Serviços, GEP/MEN. Difusão restrita

É também após o 25 de Abril de 1974 que Teresa Ambrósio desempenha, entre 1976 e 1983, funções como deputada na Assembleia da República.

## O desenvolvimento da carreira académica

Um olhar sobre o percurso profissional de Teresa Ambrósio deixa perceber que novas fronteiras geográficas e disciplinares, mas também institucionais, se cruzam a partir da década de 80. Terminado, em 1983, o período como deputada na Assembleia da República, Teresa Ambrósio envolve-se mais intensamente na carreira académica e de investigação. É então que inicia os trabalhos conducentes ao doutoramento em Ciências da Educação, na Universidade de François Rabelais, em Tours, e é também nessa época que começa a sua actividade como docente na Universidade Nova de Lisboa, mais precisamente no Núcleo de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia. De resto, a ligação de Teresa Ambrósio com a Universidade Nova de Lisboa datava de meados da década de 70, quando colaborou na elaboração do Plano de Criação dessa universidade.

Um dos primeiros trabalhos publicados, neste novo período, resulta da sua participação num projecto internacional, desenvolvido sob contrato com a UNESCO, sendo o doutoramento realizado a partir de contactos internacionais na Universidade de François Rabelais, sob orientação do Prof. George Lerbet.

(em co-autoria) (1983) *Structures Industrielles, Changements Technologiques et Enseignement Supérieur au Portugal*, UNESCO, IIEP, Paris

(1987) *Aspirations Sociales, Projets Politiques et Efficience Socio-Culturelle de l'Éducation au Portugal*. Thèse de Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines – Sciences de l'Éducation, Université François Rabelais, Tome I, Tome II

Após a conclusão do doutoramento, os projectos e contactos internacionais continuam presentes de diversas formas. Por um lado, através da presença de alguns especialistas estrangeiros nas actividades da área das Ciências da Educação que inicia e organiza na FCT/UNL (seminários, colóquios, cursos de mestrado), de que são exemplo, entre muitos outros, os contributos de Paul Bachelard (Universidade de Tours – 1989 e 1992), Don Davies (Universidade de Boston – 1990, 1994), Gerald Abegg (Universidade de Boston – 1992, 1993, 1994), Gaston Pineau (Universidade de Tours – 1992, 1993, 1994), Christine Josso (Universidade de Genève – 1994,

1995), Mateos Allaluf (Universidade Livre de Bruxelas – 1994). Por outro lado, através da participação e publicação de comunicações em congressos e colóquios internacionais. Por outro lado ainda, através da participação em projectos internacionais, dos quais referimos o Projecto EVALUE – Evaluation de l’Enseignement Supérieur, financiado pela Comissão Europeia através do programa TSER, entre 1996 e 1999, e realizado em rede com mais oito universidades europeias, e o Projecto Europeu sobre Educação Científica, da responsabilidade do Prof. Mariano Gago, que foi desenvolvido por várias equipas universitárias entre 1993 e 1995.

Deste período que se segue à conclusão do doutoramento resulta um vasto conjunto de trabalhos, publicados em revistas nacionais e internacionais, de entre os quais destacaremos as seguintes publicações internacionais:

(1989) *Limitations des Méthodes d’Observation dans l’Investigation des Processus d’Auto-Organisation des Systèmes Sociaux et Humains*, in Actes du Colloque International de la AIPELF, Lisbon

(1990) *La Recherche – Action et Production du Savoir – Compte rendu d’un table ronde*, Actes du Congrès sur Formation par Production du Savoir, Ed. Mésonance

(1993) *Continuing Higher Education in Portugal*, in Conference EUCEN – European University Continuing Education Network, Edição Universidade do Porto

(em co-autoria) (1995) *Le Valeur Formative du Concept d’Energie et l’Enseignement des Sciences*, Comunicação a XVII Journées Internationales Que Savons nous des Savoirs Scientifiques et Techniques – Ed. Chamonix, publicado em actas

(em co-autoria) (1995) *Teacher’s Personal Philosophies about Mathematics and the Senses of Problem Solving*, Comunicação apresentada ao CIEAM, Berlim

Ao longo da sua carreira académica, Teresa Ambrósio desenvolve e consolida, com a vivacidade que lhe era própria, uma determinada visão sobre Educação, no quadro da qual procurava equacionar, reconhecer e valorizar a diversidade dos espaços educativos: as escolas e os sistemas educativos, mas também o que se tornou hoje habitual designar de espaços de aprendizagem formais e informais. Esta formulação, que já é hoje bastante difundida, constituiu em dada época uma perspectiva inovadora sobre o fenómeno educativo.

Em coerência e articulação com este seu entendimento amplo de Educação, incentivava a pesquisa e análise de temas e objectos de estudo que, sendo actualmente bastante comuns, foram ao tempo inovadores no panorama das Ciências da Educação. Recorde-se, a título de exemplo, as temáticas das competências, da formação profissional, das organizações aprendentes, da aprendizagem em contexto de trabalho, das relações entre educação, emprego e trabalho, entre outras. Todas estas temáticas faziam parte de um modo de olhar a Educação que, não ignorando a escola e os sistemas educativos, pretendia transportar-nos (também) para além das fronteiras dessa escola e para além do campo desses sistemas educativos.

Tratava-se, em parte, de cruzar essas fronteiras, concebendo a Educação como um fenómeno mais abrangente e afirmando as Ciências da Educação como um campo que não se confina ao espaço da Escolaridade. Na verdade, em contraponto com a visão mecanicista e funcionalista dos trabalhos técnicos de planeamento da Educação em que participou durante longos anos, o desenvolvimento da carreira académica e de investigação de Teresa Ambrósio tem subjacente a procura de uma compreensão mais aprofundada do fenómeno educativo. Essa compreensão enfatiza a Educação como um processo antropocêntrico de construção da pessoa, no entrecruzar das suas dimensões psicológicas e sociológicas e enquadrada em contextos específicos nos planos social, cultural, político, histórico e económico.

Publicou, em 2001, com o apoio da UIED (Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento, que entretanto havia fundado na FCT/UNL), uma colectânea de textos seus que dão bem conta de todo esse entendimento amplo e abrangente de Educação.

(2001) *Educação e Desenvolvimento, contributo para uma mudança reflexiva da Educação*, edição UIED, Lisboa

Na última década, a sua intervenção como académica estendeu-se à Coordenação da Avaliação das Unidades de Investigação em Ciências da Educação e Psicologia e à actividade de Consultora na Comissão Europeia, na área da Educação e Formação. Em qualquer uma destas actividades

estava inerente o estabelecimento de contactos e redes com instituições e especialistas internacionais, beneficiando, naturalmente, do estímulo que é o confronto com aquilo que nos é dado viver e observar para além das fronteiras e dos campos que demarcam e por vezes «amputam» os nossos quotidianos.

As últimas obras que escreveu e publicou encerram, além da preocupação de explanar uma concepção de Educação holística e abrangente, uma reflexão sobre as metodologias de construção de conhecimento na investigação educativa, bem como o regresso a uma temática – a decisão política e as políticas educativas – em que se envolveu, ao longo da sua vida, quer como participante activa (enquanto técnica e deputada), quer como académica e investigadora.

A dinamização do Atelier 34, intitulado «Formação e Desenvolvimento Humano», e integrado na Rede Europeia de Modelização da Complexidade da Associação para o Pensamento Complexo (MCX-APC), de algum modo suportava e incentivava o desenvolvimento da reflexão de cariz epistemológico e metodológico sobre a pesquisa educativa. Esta ligação à Associação Europeia para o Pensamento Complexo permitia, simultaneamente, desenvolver e consolidar um caminho de investigação no qual a Educação emerge como a temática central, não dispensando a reflexão sobre as condições da produção de conhecimento no quadro do paradigma da complexidade. Deste último período destacamos uma publicação que mobiliza em simultâneo as línguas portuguesa e francesa, bem como duas outras que já depois da sua morte surgiram em editoras francesas de prestígio.

(coordenadora e co-autora) (2004) *Formação e Desenvolvimento Humano: inteligibilidade das suas relações complexas/Formation et Développement Humain: intelligibilité de leurs relations complexes*, edição MCX-APC e UIED, Lisboa

(coordenadora e co-autora) (2007) *Les Sciences de l'Éducation à la Croisée des Chemins de l'Auto-organisation*, ed. L'Harmattan, Paris

(2007) «Formation: inscrire dans la société les chemins de l'auto-organisation» in Jean-Louis Le Moigne e Edgar Morin, *Intelligence de la Complexité – Épistémologie et Pragmatique*, ed. L'Aube, Paris



Este último livro decorre do Colloque de Cerisy, que teve lugar em Junho de 2005, e os editores dedicam-no a duas portuguesas entretanto desaparecidas, uma delas Teresa Ambrósio, destacando «a sua coragem, a sua grande cultura e a sua excepcional experiência, a sua generosidade e o seu entusiasmo». Nas páginas escritas por Teresa Ambrósio nesta obra estão presentes aquelas que me parecem ser as três temáticas estruturantes no desenvolvimento do seu percurso profissional e da sua carreira académica: os questionamentos sobre a lógica da acção política, o entendimento da educação como processo antropocêntrico de desenvolvimento humano e social e a reflexão em torno de quadros epistemológicos e metodológicos de construção do conhecimento.

Creio que se tratou sempre, ao longo do seu percurso, de ir para além dos campos demarcados, evitando os riscos de amputação inerentes aos traços rígidos das fronteiras, pois «on comprend de plus en plus que ce n'est pas l'addition de l'ensemble des points de vue et des contributions partielles qui nos aide à comprendre la globalité d'un problème réel. Ce qui est difficile à trouver pour tenter d'adopter une solution pour les problèmes de manière satisfaisante pour les individus et pour le développement humain, c'est une vision holistique, vaste, ouverte des problèmes actuels (santé, sécurité, urbanisation, environnement, éducation, famille, etc.), mais cohérente, prenant en considération les relations dynamiques et récursives entre tous les différents domaines» (Ambrósio, 2007, p. 424).



## Avaliação de instituições e projectos de investigação

**Adriano Moreira**

Não vou escrever sobre a intervenção política, designadamente na Assembleia da República, nem sobre a presidência, de que ficou memória, do Conselho Nacional de Educação, nem sobre a intervenção pedagógica e científica na área das Ciências da Educação, onde espalhou sementes estimulantes numa geração de académicos que a tiveram como professora.

Limitar-me-ei a testemunhar sobre a sua última mensagem de alerta sobre o destino da Universidade, no exercício de vogal do Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior, cargo que me deu a honra de aceitar, juntando-se a um grupo notável de referências na área da rede nacional do ensino superior.

Insisto nesta última expressão, correspondente a um conceito pelo qual já orientara o Conselho Nacional de Educação, indispensável para compreender e tentar racionalizar o total desencontro das evoluções da rede nacional, que inclui a rede pública, o ensino militar, a rede privada, a rede católica, universidades e politécnicos.

A dezena de volumes que documentam os debates públicos sobre essa temática, as conclusões e propostas de intervenção do poder regulador, também registam a sua presença activa e contribuição inestimável para o pensamento desenvolvido.

Mas o que tem de ser testemunhado, para além disso, e que escassamente consta das Actas breves das reuniões do Conselho, são a mensagem, a advertência, e a angústia com que antecipou a evolução da rede pública de ensino superior, com os inevitáveis efeitos colaterais sobre os restantes subsistemas.

Em primeiro lugar, a sua concepção da natureza institucional da Universidade, uma ideia que se renova mas não morre ao longo dos séculos e

das gerações, salvaguardando a autenticidade de uma busca infinda, e sobrevivente às contestações e abandonos das conclusões e propostas que pareceram pontos de chegada e foram enganosa.

A sua intransigência quanto às tentativas, ou visíveis ou acobertadas pelo véu da ignorância pública com que o poder frequentemente envolve as suas intervenções, manteve-se firme até que a vida se extinguiu, «como as velas do altar/que dão luz, e vão morrendo».

O empenho na tentativa cívica de esclarecer que o Sistema de Avaliação Nacional, instaurado pelo governo socialista do Engenheiro Guterres, e orientado pelo método da proximidade, não poderia ser licitamente substituído por um regime proclamado independente, mas de facto estruturalmente governamentalizado, com intencional apagamento do trabalho feito por centenas de professores, não teve voz mais esclarecida.

O presentimento de que a anunciada reforma do ensino superior, submissa à intervenção de instâncias estrangeiras, como a OCDE e a ENQA, sem contextualização, poderia traduzir-se numa infracção severa dos princípios da liberdade e autonomia que fizeram a grandeza das universidades no mundo ocidental, na Europa, e em Portugal, foi atempada e não desmentida.

Sabendo da responsabilidade histórica do novo governo socialista, que remeteu para o esquecimento a intervenção socialista anterior, foi severa, firme, e angustiada, que advertiu contra o que lhe pareceu uma deriva inaceitável da formação política em que militou, a cujo humanismo se manteve fiel, convergente este em mais de um valor com o humanismo cristão, e por isso discordante das derivas.

Sabendo que estava a despedir-se, tendo sido apenas poupada à confirmação das suas previsões, ainda, com incedível coragem, tranquilidade, segurança, e convicção, quis deixar uma semente na Academia das Ciências de Lisboa, onde fez a sua última intervenção pública, perante um público atento, aderente, e comovido pelo adeus. Um adeus que avigorou a decisão dos que a amaram, no sentido de não esquecerem o legado, o aviso final.